

# e.cuit

mídia ativa

distribuição gratuita Ano IV - Edição #12 | Abril 2013

## **Eduardo Freda**

*Um amor entre  
a África e Pelotas*

*O videoclipe do  
Projeto Massimiliano*

*Pelotas Jazz Festival  
chega à sua segunda edição*

*Entrevista com  
Celso Krause*

HAWAII  
1959



## EDITORIAL

**A música toma conta**

As últimas semanas têm sido agitadas no mundo fonográfico pelotense. Vários artistas locais lançaram recentemente suas coleções de canções, físicas ou não. E outros estão por vir. E essa efervescência se refletiu em parte nessa edição do e-cult.

Uma edição quase totalmente dedicada à música, e que evidencia as ligações do ramo. Aqui do lado você confere uma entrevista com o lendário guitarrista Celso Krause, grande carregador da bandeira do jazz na cidade. Mais adiante, fica sabendo do Pelotas Jazz Festival, que começa em 9 de maio e traz grandes nomes para a cidade, em oficinas e shows totalmente gratuitos.

O videoclipe “Ingenuidade Trava, Necessidade Faca” foi a grande novidade audiovisual desse período. Cortesia do Projeto Massimiliano, encabeçado pelo vocalista e guitarrista Alex Vaz. Mesmo Vaz que foi produtor artístico de “Raízes e Coração”, primeiro disco de Eduardo Freda, que leva um perfil nas últimas páginas internas.

Na contra, o nosso mestre do visual Rafael Peduzzi finalmente estreia nas letras, resenhando “Perdoe-me, Folha Seca”, EP da Chowchilla. E às colunas se desloca o nosso especialista em generalidades José Antonio Magalhães, analisando a inesgotável influência de uns certos hermanos na música nacional. Pra desopilar, Guilherme Oliveira se debruça sobre a última onda (até o fechamento dessa edição) do mundo virtual: os Spotteds.

Leia essa edição e corra para o Google, o Youtube e o Facebook. Procure e ouça todos esse nomes e leia de novo. Discorde de tudo que foi escrito e nos conte depois!

## EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #12 | abril 2013 | Pelotas, RS

**Editor/Fundador**

Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

**Editores**

Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com  
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com  
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

**Diretor Comercial**

Rafael Dutra | (53) 8117-6974

**Projeto gráfico e Diagramação**

Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

**Impressão**

Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

**Tiragem**

4.000 exemplares

**Foto da capa**

Daniel Neuer

\*Impresso em papel imune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal\*

**Financiamento:**

# Celso Krause em defesa do instrumental

ROBERTO SOARES NEVES

São mais de 30 anos de guitarra e convicções. Em nome da música instrumental, Celso Krause faz questão de defender uma visão romântica de música e chiar quando o mundo se mostra contrário. Tem quatro discos gravados, mas diz que só um é oficial - “Bossa’n’dombe” (2007). Dá uma aula de história da música e faz um elogio ao jazz que requereriam o espaço do jornal inteiro para serem reproduzidos fielmente. Ultimamente começou a cantar e tem produzido shows de amigos - desde que participe como instrumentista. Ao contrário do gosto do entrevistado, ficamos com samples de uma entrevista, que no futuro pode vir à luz inteiramente. Mas que já rendem um belo desfile de nomes e alfinetadas aqui e ali.

## Tu começou nos anos 80. Como era ser músico naquela época?

Eu tava começando, pra mim não foi complicado. Pra quem já era profissional na época não devia ser tão fácil. Na verdade eu comecei um pouquinho antes, no fim dos anos 70. E eu sei de músico, genial, nesse período, que foi ser pescador, outro foi ser vendedor, outro foi trabalhar de segurança, porque a música não dava sustentação. Com o advento das discotecas, uma moda forte na época, muito músico perdeu o emprego nas bandas de baile, que eram o grande ganha pão. E todo esse período foi bastante difícil, mas ao mesmo tempo um movimento paralelo crescia, e começaram a aparecer lugares alternativos, pra nossa geração. A antiga geração tinha estabelecida a noite pra eles, era o Sobrado, o Liberdade. Eu comecei a tocar num lugar chamado Misturanga, ali nasceu o movimento musical pelotense da minha geração. Ali teve show do meu grupo na época, que se chamava Casa Grande.



## Que tipo de música vocês tocavam?

A gente tinha a pretensão de tocar jazz, só que não conhecia ainda como acabou conhecendo depois, estudando. Mas sempre com muito critério, todo mundo estudava música e sabia o que tava fazendo. Uma coisa que eu não aceito é falta de senso crítico. Acho que todo mundo tem liberdade de expressão, mas o ouvido de ninguém é penico. Eu só me vi capaz de apresentar o meu trabalho a partir do momento em que já tinha a ideia básica do que eu tava fazendo. Se alguém perguntasse: “em que tom tu tá tocando? Que ritmo tu tá tocando? Como é essa divisão?” Eu sabia explicar. Não com grande profundidade, mas sabia.

## Nesse tempo, o espaço pra música instrumental na cidade, mudou alguma coisa?

Eu vejo que aos poucos vem ganhando algum espaço. Mas isso é real em parte. Tanto que eu comecei a cantar porque o espaço pra música instrumental existe, mas não a ponto de dar estrutura pra alguém. Sempre que eu trabalhei como instrumentista, no mínimo acompanhava alguém que cantava. Eu trabalhava muito em trilha sonora, uma coisa que eu não tenho feito há anos, que eu adoro. Fazia trilha

pra teatro, coisas maravilhosas, onde o compositor de música instrumental pode experimentar de tudo. Música atonal, por exemplo, que tu não pode tocar em lugar nenhum porque as pessoas são capazes de te jogar ovo. Dentro do teatro, o atonalismo é muito bem vindo. Então o teatro pra mim foi muito bom pra poder praticar esse tipo de música que eu não conseguia nem no meio do jazz. Quando eu estudei composição, arranjo, pra poder escrever pra violino, flauta e trabalhar dentro das estruturas dodecafônicas, essas loucuras todas do atonalismo, eu só consegui aplicar dentro do teatro.

## O teu primeiro disco é de 2000...

É, os meus discos são absolutamente independentes, eles são, pode se dizer, meio artesanais. Esse mesmo de 2000 é muito tosqueira, nem existe mais. Quer dizer, se alguém pedir eu faço ele porque o cara quer, mas é uma coisa artesanal. Depois foi deixando de ser artesanal aos poucos, veio melhorando, até o que eu considero o meu único disco, o mais oficial deles, o “Bossa’n’dombe”, de 2007. Esse disco é um negócio bem bonito, bem produzido. Mas foi tão legal que depois eu não fiz mais nenhum. Mas 90% do meu trabalho tá na



internet. Eu acho que até se tu procurar, tem algum sitezinho lá da Europa que o cara consegue na íntegra. No last.fm eu botei um monte de coisa. Aquele site é legal porque dá pra baixar as músicas. E esse site projetou o meu trabalho na Europa, especificamente no leste europeu.

#### E o próximo disco, quando sai?

Pois é, eu tô esperando, tem um amigo meu chegando da Inglaterra pra participar desse disco. É um brother que começou comigo lá nos anos 80, o Manu Pontes. Vai ter umas participações muito legais nesse disco, o Manu, o Guilherme Tavares, professor do conservatório, que tinha uma banda nos anos 90, começo dos 2000, a Sapo. Ele trabalha muito bem numa linha progressiva, rock progressivo, e eu gosto muito disso. O progressivo foi o que fez o meio do caminho entre o jazz e o rock. O Yes, o Zappa, o King Crimson. Claro, eu sempre ouvi aquilo que o meu pai tinha em casa, Benny Goodman, Frank Sinatra. Eu era um roqueiro como eu não vejo muito hoje. Hoje eu vejo esses caras vestidos de preto que só ouvem rock pesado, os caras vestidos de verde que só gostam de rock ecológico... Eu acho isso extremamente limitante. Eu sempre gostei de funk, eu ouvi muito James Brown. Funk é isso. Tem coisas que se dá nome, que não é, vamos ser claros. Sempre gostei de rock, sempre gostei de tango, de samba.

#### Música eletrônica, que que tu acha?

Acho uma bosta. (risos) Quando eu conheci música eletrônica,

conheci uma música feita lá pelos anos 30, Karlheinz Stockhausen, Luigi Russolo. Os caras pegavam ondas de rádio, fitas de rolo. Ou o sintetizador Moog, antes de ir pro teclado. Hoje, na música eletrônica, o cara aperta o botãozinho, tem a base pronta ali, qualquer mané faz isso. Aí o cara lista aos instrumentistas: guitarra, bateria, DJ... O que que ele faz? Corta e cola.

#### Como funciona a composição pra ti?

Cada vez é diferente. Às vezes o cara é estimulado, vem alguém e diz “queria que tu compusesse pra uma peça de teatro, tem aqui o texto”. Me dá o texto, eu vou assistir os ensaios. Às vezes, antes de o cara me dar o texto eu já tenho até pronto. Às vezes o cara vem caminhando na rua, buzina um carro, passa um cachorro e... (simula a buzina e o latido formando uma melodia) ...”bah, que legal!” (risos) Às vezes vem a ideia, o cara grava e acha uma merda (risos) Mas tá, deixa gravado. Eu ponho no Windows Media Player e boto pra tocar no aleatório. Daqui a pouco toca aquele trequinho e “bah, era o trecho que faltava na música!” Teve uma que eu compus, que eu tava numa melancolia, uma tristeza bárbara, tinha acontecido um negócio xarope. Eu vou pegar o instrumento pra desopilar um pouco... cara, o troço saiu assim, inteirinho. Eu sempre separo acompanhamento e melodia. E eu tô tocando o acompanhamento e já tô pensando a melodia, saiu a melodia inteirinha. A música se chama “Saudade”. Aquilo ali, se tu ouvir, é uma descrição exata do que é saudade. Pra mim pelo menos.

#### O que que tu ouve hoje em dia?

Eu ando ouvindo o que eu sempre ouvi. Agora eu tenho ouvido muita música popular, como eu tô cantando. Tenho ouvido muito Djavan. Eu sou louco por Djavan, adoro ele. E aquilo que eu sempre ouvi, John McLaughlin, Miles Davis. E cavucando coisas, eu tô sempre cavucando, tô sempre buscando coisas diferentes. Apesar de gostar de ouvir esses clássicos, a novidade ainda é uma coisa que me motiva muito. Tô tentando ainda ouvir alguma coisa nova que realmente me toque o coração, mas tá difícil. A última que me impressionou no rock mesmo foi o Mars Volta, e antes disso o Morphine. Eu gostei muito da Amy Winehouse quando apareceu, mas quando ela começou a fazer sucesso, começou aquela função de crack e o som dela começou a ficar sem arranjo... o “Back to Black” é um disco sem arranjo. Não tem produção, não tem solo no meio, não tem nada. Tu sabe porque isso né? Ela tava tão maluca que os caras disseram “não faz arranjo nenhum, que ela vai entrar no meio do arranjo, ela tá doidona”. Ela já tava com o pé na cova mesmo, então vamos fazer um dinheirinho. E foi o disco que mais vendeu. Pra ver como as pessoas tão superficiais, que elas não conseguem ouvir música com arranjo.

#### E o Festival de Jazz?

O Festival de Jazz é uma coisa maravilhosa, que abre a cidade pro mundo. Porque o jazz, não é porque eu me considero jazzista e o gênero mora no meu coração, mas é o gênero mais aberto que existe. É o único que permite a todos os outros permearem ele. O samba, se alguém quiser misturar alguma coisa, já não é samba. O blues, se alguém misturar, não é blues. O jazz continua sendo sempre jazz e ele tá dentro dos outros gêneros, e isso é maravilhoso. Quando começou a se conversar com essa ideia do Festival, se queria criar um festival de música instrumental. Eu disse “não, cara, festival de jazz, daí tu abre”. Pode trazer o Ed Motta. O Ed Motta não é música instrumental, mas é um baita jazzista. O Al Jarreau é um baita jazzista e é um cantor. Então ao invés de limitar, ele abre as possibilidades.



### José Antonio Magalhães

*José Antonio Magalhães é editor/redator do e-cult, advogado não praticante e especialista em generalidades.*

#### Los Hermanos, de novo?

Já escrevi demais sobre Los Hermanos. Geralmente, em defesa da banda. A moda agora é reclamar que eles acabaram com o rock brasileiro, gerando uma geração de bandas ditas bunda-moles e derivativas demais. Como a acusação ecoa no rock pelotense, resolvi voltar ao tema.

A influência dos Hermanos é inegável. Nacionalmente, o número de bandas e artistas nos quais dá para aplicar o já gasto “parece Los Hermanos” é alto e crescente. Exemplos de sucesso são Marcelo Janeci e A Banda Mais Bonita da Cidade, que fazem uma versão mais doce do conceito, enquanto bandas como Maglore e Neilton interpretam o hermanismo por uma vertente mais roqueira. Em Porto Alegre, é o Apanhador Só quem faz essa abordagem menos adocicada do estilo, e de uma forma aventureira, que parte do conceito e o expande.

Em Pelotas, a primeira banda claramente sucessora dos Hermanos (de que eu soube) foi a Revelmobil – que inclusive chegou a tocar shows-cover dos barbudos. A banda do hoje sambista Juliano Guerra contava com Vini Albernaz, hoje da Musa Híbrida, e Gabi Lima, que está lançando disco, entre seus integrantes. Depois veio a Mascates, que já acabou mas está para lançar o único disco, e, de um ano para cá, houve uma espécie de boom, com bandas novas como Esquimós, Convés Imaginário e Chowchilla.

Claro que botar todo o mundo na mesma caixa, se por um lado mostra algo, por outro oblitera as particularidades de cada banda. A mais claramente influenciada, e que melhor manifesta o estilo, é a Convés Imaginário, com canções como a muito amaranthiana “Só Hoje eu Vi”. Em outras canções, uma onda folk lembra mais Vanguard que Los Hermanos.

A banda Esquimós, renascida das cinzas da moda Beatles pelotense, parece estar pensando em coisas do tipo Arctic Monkeys e usando Los Hermanos como via de tradução, o que é uma boa abordagem. Os irmãos mais novos da Chowchilla (cujo debut está resenhado nesta edição) têm uma linha similar, e lembram Hermanos sobretudo em “Lamento”.

De propósito ou não, Rodrigo Amarante e Marcelo Camelo inventaram uma maneira de fazer rock em português que até então não existia. Criaram uma ponte entre a MPB e o indie que, depois de feita, soa óbvia, como o ovo de Colombo. Na história do rock, se contam nos dedos as bandas que criam uma linguagem. Por isso mesmo, é tão somente natural que outras bandas partam dela, e isso vale para Pelotas.

Claro que não vale se deitar nas cordas, e o movimento reativo - que por enquanto aparece mais no discurso do que em forma de música - é saudável. Mas tampouco dá pra seguir a via fácil de olhar para o passado. Não vai ser o simples retorno ao punk nem ao blues que vai combater o vírus dos Hermanos. Vai ter que ser uma invenção nova.



LÚCIO PEREIRA

# Pelotas será ocupada pelo jazz em maio

Cidade receberá 2ª edição de festival que celebra o gênero

## LEON SANGUINÉ

O jazz, pelo que se sabe, é um movimento artístico-musical surgido no início do século passado nos espaços de cultura negra dos Estados Unidos. Com o passar do tempo e a expansão do estilo, diversos subgêneros foram criados, mas todos mantendo a estética fumacenta, a potência, a improvisação e o envolvimento com o público.

São de jazz algumas das mais belas canções conhecidas do grande público, eternizadas por privilegiadas vozes como a de Billie Holiday e Nina Simone e trompetes de Miles Davis, Louis Armstrong e Miguelito Pitti. Nos dias atuais, Joss Stone parece ser o nome mais forte do gênero.

Em Pelotas, o jazz terá pela segunda vez dias inteiramente lhe dedicados. Acontece nos dias 9, 10 e 11 de maio o Pelotas Jazz Festival 2013, evento que conta com o apoio do Sesc, patrocínio da TIM e a participação de grandes artis-

tas locais, nacionais e internacionais, como João Donato, Toninho Horta e Yamandu Costa. A realização é da Gaia Cultura & Arte.

Serão shows, workshops e oficinas, todos gratuitos, distribuídos em quatro locais: O Theatro Guarany, palco único da primeira edição, realizada em 2010, receberá, no dia 9, Hamilton de Holanda Trio e Delicatessen. No dia 10 as atrações serão Gilson Peranzetta & Mauro Senise e o trio de Yamandu Costa, consagrado violinista brasileiro que passa pelo jazz dentre seus muitos estilos. Encerrarão as atividades no Theatro, no dia 11, Toninho Horta & Orquestra Fantasma e João Donato, expoente da bossa nova. Os ingressos para estas atrações, limitados e gratuitos, já estão disponíveis nas lojas Tim, Sesc-Pelotas e Multisom.

A Rua do Jazz é uma das grandes apostas da organização. Localizada na rua Lobo da Costa, ao lado do Guarany, o

local terá acesso livre e gratuito e contará com apresentações de Popó e Trio, Blue Grass e Duo Finlândia, já conhecido e aclamado pelo público pelotense.

Nas oficinas e workshop o público terá a oportunidade de receber aulas dos artistas que se apresentarão no festival, além de realizarem experimentação de instrumentos musicais. Para participar, o interessado deve se inscrever previamente no site [www.pelotasjazzfestival.com](http://www.pelotasjazzfestival.com) a partir do dia 1º de maio. As oficinas ocorrerão no Bistrot da Secult, no Foyer do Theatro Guarany e no Casarão durante no dia 10, das 10h às 12h. Os músicos Gilson Peranzetta e Mauro Senise ministrarão o curso de piano e sax. Toninho Horta ficará encarregado da oficina de guitarra e Robertinho Silva, de percussão. Já o workshop acontecerá no dia 11, também com Silva e sua percussão voltada para os ritmos brasileiros.

A Praça Coronel Pedro

Osório também receberá shows. Eles acontecerão no palco Chafariz às 15h, 16h e 17h. No dia 10 se apresentarão Nós 3, Luciano Maia e Juan Prada Trio. No dia 11 é a vez de James Liberato Quarteto, Marcelo Corsetti e Raul de Souza.

## Público grande de apreciadores na cidade

Duda Keiber, organizador do evento, ressalta que um festival voltado para o jazz em Pelotas se justifica pelo fato de já haver um público na cidade, firmado desde a primeira edição, realizada em 2010. "A Secretaria de Cultura acreditou no jazz como um produto forte pela cena da Zona Sul", diz. Sabendo desta cena e deste público, o produtor Alexandre Matos contatou a Gaia Cultura & Arte para que o projeto fosse inscrito na Lei de Incentivo à Cultura do Rio Grande do Sul. Aprovado, foi chegado o momento de realizar, juntamente com o Clube

de jazz de Pelotas, a nominata para escolha das atrações, feita juntamente a sugestões trazidas nas reuniões.

A lista final traz para Pelotas grandes nomes da música, como Yamandu Costa, violonista reconhecido pelo seu trabalho com as raízes latinas, vezes misturada ao jazz, tornando-o uma das principais atrações do festival. Status também de João Donato, grande nome da bossa nova dos anos 50. Além desta, Donato também é conhecido por sua fusão perfeita entre o jazz e os ritmos caribenhos, além de ter trabalhado como arranjador de Gal Costa e Gilberto Gil. Já Gilson Peranzetta, que vem em seu duo com Mauro Senise, é considerado um dos maiores arranjadores do mundo, tendo trabalhado com artistas como Gonzaguinha, Ivan Lins, Edu Lobo, entre outros. Peranzetta e Senise também ministrarão a oficina de piano e sax no dia 10.

## PROGRAMAÇÃO

### Theatro Guarany

#### DIA 09

Hamilton de Hollanda Trio  
20:30h

Delicatessen  
22:00h

#### DIA 10

Gilson Peranzetta e  
Mauro Senise  
20:30h

Yamandu Costa Trio  
22:00h

#### DIA 11

Toninho Horta e  
Orquestra Fantasma  
20:30h

João Donato  
22:00h

### Palco Chafariz

#### DIA 10

Nós 3  
15:00h

Luciano Maia  
16:00h

Juan Prada Trio  
17:00h

#### DIA 11

James Liberato Quarteto  
15:00h

Marcelo Corsetti  
16:00h

Raul de Souza  
17:00h

### Palco da Rua do Jazz

#### DIA 09

Popó & Trio  
19:00h

#### DIA 10

Duo Finlândia  
19:00h

#### DIA 11

Conjunto Bluegrass  
Porto-alegrense  
19:00h

### Oficina de música\*

#### DIA 10

Oficina com Gilson Peranzetta &  
Mauro Senise - Piano e Sax

10:00 às 12:00h

**Bistrô SECULT**

Workshop com Robertinho Silva -  
Percussão e ritmos brasileiros

10:00 às 12:00h

**Casarão 06**

Oficina com Toninho Horta - Guitarra

10:00 às 12:00h

**Foyer do Theatro Guarany**

#### DIA 11

Workshop com Robertinho Silva -  
Percussão e ritmos brasileiros

10:00 às 12:00h

**Casarão 06**

\*Inscrições em [www.pelotasjazzfestival.com](http://www.pelotasjazzfestival.com) a partir de 01/05



# Cabaré Massimiliano

Projeto de Alex Vaz lança o primeiro videoclipe enquanto prepara o lançamento do EP “Orleanza”

ROBERTO SOARES NEVES

O primeiro registro sonoro do Projeto Massimiliano, de Alex Vaz, ainda não saiu, mas já chegou no audiovisual. No domingo de páscoa foi entregue de presente o videoclipe “Ingenuidade Trava, Necessidade Faca”. A música é uma versão de “Sociedade Fraca”, de Dija Vaz e Rô Mourão, presente no primeiro disco de Dija. A versão massimiliana vai estar no EP “Orleanza”, com lançamento previsto para 17 de maio. Já o clipe está disponível em [www.projetomassimiliano.com](http://www.projetomassimiliano.com).

Feito em cinco dias, o clipe envolveu seis pessoas: Vaz, Thiago Rodeghiero e Chico Maximila dividem a direção, enquanto Arthur Malaspina, Francesco D’Avila e Juliano Bohn Gass protagonizam. Os atores encarnam, respectivamente, Barbra, Beth e O Grande Mímico, seus personagens no “Cabará Aurora”, da Cia Teatral Aurora. É uma extensão do projeto visual de “Orleanza”, que também traz os personagens do espetáculo, no qual Vaz é diretor musical.

O EP foi gravado ao vivo em uma sala do Coletivo Munaya, por Vaz (violão e voz),

Guilherme Ceron (baixo), Maurílio Almeida (violão), Igo Santos (bateria) e Gustavo Otesbelgue (guitarra). Produzida por Vaz e Ceron, a gravação usou tecnologia analógica. “Queríamos um som quente”, explica Vaz. Além de “Ingenuidade Trava, Necessidade Faca”, foram gravadas mais duas faixas, uma de Valder Valeirão e outra, segundo o músico, de Mário Quintana, Goethe e Roland Barthes. “Foi um achado incrível”, declara o fanfarrão.

O arranjo dado à música por Vaz e seus asseclas combina perfeitamente com o clima emprestado do espetáculo, o que não é coincidência. Segundo ele, a ideia do Massimiliano sempre foi “trabalhar a música além da música. Sendo a música em si, como linguagem, mais um elemento de um todo. “Nesse material eu buscava uma coisa que não faz sentido nenhum, que seria tentar reproduzir, no som, o preto e branco das imagens. E ao mesmo tempo, buscar fazer um recorte temporal de fato, como uma espécie de cápsula do tempo”. Em “Orleanza”, ele conta, a música “bebe do gypsy jazz como elemento rítmico e o

jazz como construção. Mas um jazz bem simples, jazz canção”.

## Caça e dança

“Cabaré Aurora” estreou em julho de 2012, sob direção de Martha Grill. Os personagens são criações coletivas da companhia, pensados para o contexto dos cabarés, casas de shows “onde a boemia artística se encontrava para discutir questões ideológicas, políticas, entre outros assuntos”, como lembra Arthur Malaspina. A sua Barbra e a Beth de Francesco D’Avila, vedetes de cara e corpos peludos, são inspiradas no grupo Dzi Croquettes, que desafiava a ditadura nos anos 70 pela via dos costumes. E embora os números da dupla sejam humorísticos, existe a preocupação de ir além da comédia. “Os personagens trazem junto com essa estética um viés social e político, falam de preconceito, classes sociais, poder das mídias e outras temáticas”, conta D’Avila. “Barbra e Beth são totalmente opostas em relação à condição econômica e social, é evidente a distinção entre uma e outra”, prossegue Malaspina.

Barbra & Beth, como dupla, compõem em outros



JERÔNIMO GONZALEZ

eventos fora do Aurora, com a esquete “Jornal da BB”, sátira de um jornal televisivo. “De forma dinâmica, cômica e evidenciando a parcialidade, apresentamos notícias de Pelotas e do mundo, mostrando de uma forma cômica os problemas que nos cercam”, explica Malaspina.

Da mesma forma surgiu o Mímico de Juliano Bohn Gass, que ressalta o desenvolvimento do personagem com o tempo. “Fui aprimorando ele nos ensaios, na convivência com os outros personagens e no meu dia a dia, pois eu acabei levando ele para o cotidiano. Os primeiros contatos com o público foram essenciais para dar a vida a esse personagem, dar atitude, pensamento, comportamento, e essa construção de personagem nunca termina”. De um número em que o Mímico é um caçador veio o enredo: ele passa o clipe caçando a cintilante dupla, em cenas intercaladas com outras dos três dançando sincronizados. A ideia, segundo Vaz, veio de Maximila.

## Pronto em cinco dias

O planejamento levou duas tardes. “Fomos beber em desenhos animados como Pernalonga, Pica-pau, buscamos no cinema algumas outras referências e montamos a narrativa”, conta Vaz. A gravação teve como cenário a Biblioteca Pública Pelotense, num período de seis

horas. “Gravamos em clima descontraído, brincando e improvisando cenas”, lembra Gass. D’Avila descreve a experiência como “cabarelística”: “A música para qual gravamos as imagens fala de preconceito e tem tudo a ver com a construção de nossas personagens”.

A experiência de Alex Vaz com clipes até agora tinha sido como músico/ator, nas produções da Canastra Suja como “Baza” e “Maria Luiza”. A estreia na direção, ele diz, foi “um processo muito tranquilo”. A interação entre os três diretores, “com bastante nicotina”. O parceiro Thiago Rodeghiero conta que o trabalho foi dividido: “Acabou que eu dirigi os atores, o Chico ficou mais na fotografia, operou a câmera e o Alex criou as cenas. Ele sabia o que queria para a música dele”.

Por vontade própria, Rodeghiero também tomou conta da edição. “O Alex queria acompanhar o processo, mas eu não me agüentei e mandei o material quase pronto pra ele. Daí foi só mais um dia e ficou pronto”. Ao final, o processo todo levou cinco dias. Enquanto “Orleanza” não vê a luz do dia, o Massimiliano vem despejando novidades regularmente em [soundcloud.com/promassimiliano](http://soundcloud.com/promassimiliano). Além de “Ingenuidade Trava, Necessidade Faca”, outras quatro músicas trazem Alex Vaz no blues rock que o deu o status de agregador da cultura local.



JERÔNIMO GONZALEZ



JERÔNIMO GONZALEZ



JERÔNIMO GONZALEZ



# No quintal da imaginação

Eduardo Freda mergulha em suas raízes e reúne vários artistas para contar uma história em seu primeiro disco, "Raízes e Coração"

ROBERTO SOARES NEVES

**E**duardo Freda estava em busca de si mesmo. Cantor, percussionista e violonista, ele empregou a experiência de mais de 10 anos tocando e compondo para fazer dessa busca uma jornada criativa. Na poesia, movimentou o passado - seu e dos seus ancestrais. Na música, movimentou uma série de cabeças e corações em torno da sua imaginação. Um ponto importante para Freda: "eu imaginei" é como ele começa cada frase que se refere à história contada no seu primeiro disco, "Raízes e Coração", lançado no mês passado.

É um disco temático, ocupado parcialmente pela história de dois escravos trazidos a Pelotas e separados, no período das charqueadas, e do seu filho, que cresce para se tornar uma espécie de herói negro do seu tempo. Como Freda gosta de descrever, "um amor que nasceu na África e veio florescer em Pelotas". A história evoca temas que guiam as demais faixas do disco: amor, esperança, saudade, fé.

Embalado o resultado da busca de Freda uma mistura de black music, música brasileira e africana desenvolvida por ele e o grupo Quintal de Sinhá. Formado por um número de músicos que varia conforme a necessidade (já chegaram a dez), o grupo ensaia no estúdio mon-

tado na casa do percussionista Davi Batuka. Na casa-estúdio onde criam os arranjos que vão dar a cara final aos frutos da imaginação, Freda e Batuka falam sobre o passado, presente e futuro do projeto que começou nesse disco, mas vai além.

## Ritmo, palavras e melodia

Filho de percussionista, Freda cresceu em meio a escolas de samba e terreiros, de onde pegou o gosto pela percussão. Na primeira série, incomodava os coleguinhas com a batucada e acabou ganhando da professora um empurrão para a composição. "Ela me incentivou, disse: 'cara, dá uma lida, vamos fazer um teatrinho, vamos gastar essa energia de outra forma'. E aí eu comecei a ler, e desde pequeno eu lia livros de poesia", conta. Com o domínio do ritmo e da escrita, voltou aos terreiros para conectar os dois. "Eu ia lá pra pegar as melodias, porque eu não tocava nenhum instrumento, então queria botar as minhas palavras em cima de alguma melodia".

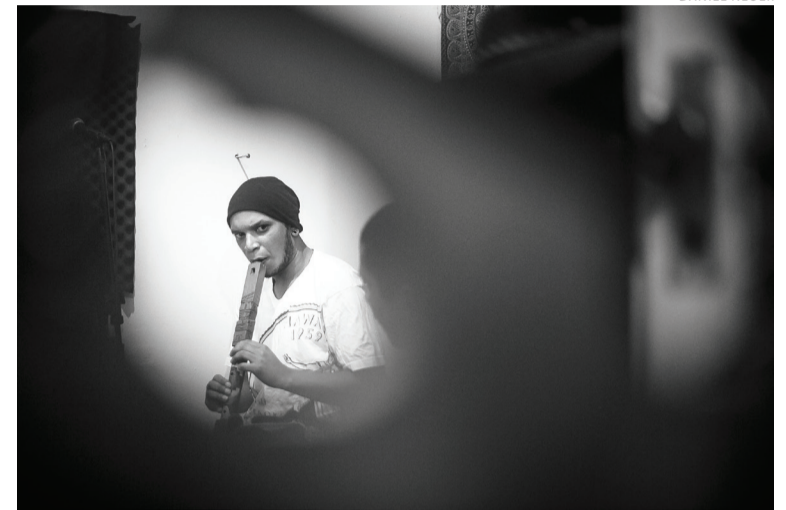
A princípio, o que fascinava o jovem Freda era o som e o ritmo das palavras. Só depois entendeu que poderia levar mensagens através das letras. "Eu percebi que a escrita poderia ser uma arma, que eu poderia mudar a minha vida através dis-

so. Tanto no sentido profissional quanto no sentido do bem estar mesmo". Foi com essa visão que ele chegou no primeiro trabalho musical profissional, em 2001, com a formação da Nação Suburbana. As letras de contestação quase adolescente de Freda, que já traziam a temática negra, eram revestidas pelo som funkado da banda.

Então a vontade de compor o levou finalmente ao violão. Em 2002 a Nação levou o primeiro lugar no festival Sesi Descobrimos Talentos, com a música "Zumbi, o Contador de Histórias". "Daí sim eu comecei a acreditar. Pensei: 'bom, eu tenho alguma coisa mesmo pra oferecer, vou tentar". Deu certo: foram quase 10 anos como frontman da Nação. A banda acabou em 2010, por "incompatibilidade de pensamento" e a necessidade de "cortar o cordão umbilical". "Ao mesmo tempo em que me facilitava trabalhar aquela temática, me impedia de trabalhar outras coisas. Eu acabava ficando meio restrito, meio preso naquela ideia, naquela estética musical".

## Peso espiritual

Depois da Nação Suburbana vieram a Dona Dinah, banda cover com Jorge Ben e Tim Maia no repertório, e a reguei-



DANIEL NEUER

ra Be Livin', onde ele divide as composições com o resto da banda - ambas ainda em funcionamento. A semente de "Raízes e Coração" foi plantada em algum momento entre 2010 e 2011, com a música "Saudação". "Deixo o vento me levar / Vou de carona no balanço das ondas do mar / Sob o céu de Olorum / Eu dou força ao meu cantar", diz a canção, que referencia a divindade do candomblé. "Saudação" surgiu da vontade de "compor uma música que tivesse um peso espiritual", nos moldes de Jorge da Capadócia, de Jorge Ben. "Eu sempre ouvi essa música e senti algo diferente, e queria compor algo assim. E indo por esse caminho que eu achei toda essa ideia do disco".

Para transformar a ideia em música, ele começou uma pesquisa sobre tradições afro-brasileiras e pelotenses. "Procurando saber um pouco da minha ancestralidade, eu acabei me encontrando nesse tempo. Esse disco, o fato de eu correr atrás disso, foi uma busca pra saber o que eu queria também". Ele descobriu a magia do jongo, ritmo e dança ancestral do samba, perigoso para os senhores sedentos pela aculturação dos escravos. "Não era propriamente um feitiço ou algo que viria da religião, mas sim o fato de que eles poderiam transmitir a sua cultura através da oralidade. E essa maneira que eles encontraram, isso era o jongo".

"Saudação" abre o disco, seguida de algumas homena-

gens. Em "Casa de Areia", Freda, morador da zona do porto, se inspira em Caymmi e fala da vida do pescador, para falar da vida de todos nós: "A morada é da terra, mas o amor é do mar". "Eu imagino que todos nós somos pescadores quando saímos de casa pra trabalhar e buscar o sustento", calcula. "Preta Maria" lembra da avó do cantor, enquanto "Mão de Pilão" é baseada em um poema de Oliveira Silveira, idealizador do Dia da Consciência Negra.

A ficção começa em "Canto de Saudade": "Nem cativo nem a chibata da escravidão / Calou meu canto negro, meu pensar, meu coração", diz "ele" para "ela". Em "Rebento", o filho do casal inominado é entregue às águas, à "benção dos orixás", para que não sofresse como os pais. O rebento ressurgiu na última faixa, batizado Sebastião Ladainha. Ele se torna um líder pelo conhecimento, numa história inspirada em Zumbi dos Palmares. "Eu imaginei que ele também passou por esse processo, ou ele foi adotado por algum senhor das terras que tinha um bom coração, ou por alguém que pudesse instruí-lo pra que ele resolvesse as coisas de acordo com o sistema ou na porrada, na revolução, se fosse preciso".

No meio do caminho, "O Amor Em Terras Saladeiris" narra o reencontro do casal, em meio a um carnaval comemorativo da abolição. "Eu imaginei o carnaval como essa grande festa popular onde todo o mundo se



DANIEL NEUER





encontraria e 'pronto, agora estamos livres disso'. Livres de certa forma. Livres da algema do corpo, mas ainda assim presos aos grilhões do pensamento. Que é essa época que a gente ainda vive hoje em dia. É mais barato prender o pensamento da pessoa”.

## Banda de coringas

“Raízes e Coração” começou a ser gravado em estúdio, com o tecladista Tom Neves, até surgir a oportunidade de gravar ao vivo, pelo ponto de cultura Outro Sul. A “sessão” de gravação ocorreu em 16 de novembro de 2011, no João Gilberto. O Quintal de Sinhá foi formado nos preparativos para o show. Além de Freda, Batuka e Neves, gravaram Rogers Lemes (violão), Fernando Silva (baixo), Douglas Ribeiro (percussão) e Rodrigo Monteiro (bateria), com inserções de Douglas Vallejos (sax e flauta) e Isac Pereira (teclado) - hoje a banda conta com Lady nos vocais, a bateria está com Dhian Diano, o teclado com Pereira. Todos se conheciam de outros projetos, o que facilitou a reunião rápida. As participações estenderam ainda mais os limites musicais do disco: Daniel Zanotelli no sax, Zudizilla no rap e Aluísio Rockembach na gaita.

Eles tiveram um mês para ensaiar, nem sempre com a formação completa. “Nos ensaios finais foi realmente todo mundo. Aí a gente conseguiu ver a grandeza e a forma que o som tomou, o peso, a sensibilidade, a variação rítmica e harmônica dos sons”, conta Batuka. Ele diz que a banda é formada por vários “coringas”: quase todos têm

mais de uma função, incluindo ele mesmo, que tocou, operou o som e fez a pós-produção. Daí Freda explica o título do disco: “as raízes nos foram dadas, a gente foi presenteado com elas, mas o coração, quem botou na parada foram eles. Então o título faz jus ao sentimento que a gente tem em trabalhar com a música. Porque eu imaginei essa história, mas isso não teria se materializado se não fosse o coração deles.”

Pela velocidade do processo, eles não tiveram tempo de curtir o (nem enjoar do) disco que criaram. O tempo entre a gravação e o lançamento foi de trabalho para Batuka, que diz ter ficado “apegado” no processo de mixagem, edição e masterização. Hoje, segundo ele, as músicas estão mais “lapidadas”. Ao mesmo tempo, eles já pensam em um próximo disco. Uma canção, “Chocalho da Nega”, já está pronta.

## O descaso da sinhá

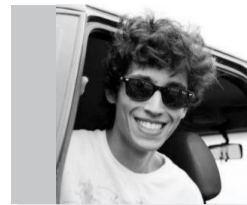
O nome Quintal de Sinhá foi pensado justamente para além do disco, explica Freda. “São várias flores, diferentes flores. Então eu trago um pouco de mim, da minha poesia, de como eu vejo as coisas, mostro pro Davi, ele vai colocar um pouco dele também. No final das contas, todas essas variedades vão estar ali inclusas no quintal”. E a sinhá? “É a cidade. E nós somos aqueles que estamos ali no quintal dela, no terreiro, somos os que fazem as coisas acontecerem. E acho que ela, por ser sinhá, já tem um certo descaso com a gente. Não dá muita bola”.

Nesse descaso, Freda vê

outro paralelo com a pós-escavidão, na situação do músico independente. “A gente ainda é meio escravo, vive à margem das grandes gravadoras, ainda há um monopólio em relação a isso. Só que a gente tem uma maneira muito boa, que é a internet, sites de procura de música, onde a gente pode colocar o som ali. Estamos vivendo o tempo dos coletivos, em que todo mundo se junta pra fortalecer o trampo. Eu sou um cara que compõe, eu preciso do cara que arranje, um cara que faça a arte do CD. Esse descaso propiciou uma atitude. A galera mesmo começou a fazer a coisa acontecer”.

E no visual, “Raízes e Coração” também é um trabalho coletivo: capa de Felipe Delfino, rótulo do disco de JV, design de André Barbachan e logo de Gabriela Godoi. “É aí que tu soma as coisas, quando tu dá liberdade pro artista ver a tua obra com a visão dele. Esse disco é a prova disso, todo mundo que colaborou teve o seu jeito de interpretar, e ficou colorido e cheio de energia, um pouco de cada um”.

Com a busca - pelo menos temporariamente - terminada, agora Freda e sua turma querem levar o Quintal de Sinhá a outros quintais. Ele retoma a relação com o pescador de “Casa de Areia”. “Dá pra comparar com a vida do músico, o fato de ter que estar sempre na estrada, levando o trampo pra frente. Eu tenho a minha vida aqui, mas a minha vontade é de estar na estrada levando o som”. É hora da imaginação de Eduardo Freda e do amor que nasceu na África movimentarem outras raízes e outros corações.



## Guilherme Oliveira

Guilherme Oliveira é professor aposentado. Por designios de uma teodiceia qualquer, atualmente lida com especulação imobiliária. É muito rico.

## Spotted e a zoeira

Só duas coisas são infinitas: a realidade e a zoeira. Se as interações no Facebook eram parcialmente veladas, as páginas Spotted derramaram a visibilidade contida na politização acanhada e, se não tornaram visível o invisível, então redobraram a visibilidade para além do princípio do não-caô. Trata-se da assunção de um ponto sem retorno: a gente quer é pegar gente, meus amigos. E bagunçar tudo.

Em Pelotas, as páginas “Spotted: UFPEL”, “Spotted: UCPEL” e “Spotted: Bar do Zé” permitem enviar mensagens anônimas para uma comunidade na tentativa de descobrir, com a ajuda dos usuários, o nome de uma pessoa que estava ou frequentava um desses locais. Essas páginas traduzem para o Facebook o modelo Missing Connections do Craigslist, uma espécie de classificados internacionais onde circulam mensagens que buscam resgatar conexões impossíveis: pessoas que se cruzaram nos metrô dos grandes centros urbanos do mundo e, se não através dali, provavelmente nunca mais se encontrarão, por exemplo. Quando entrecruzado às sinuosidades geográficas, no entanto, o sistema de mensagens anônimas se converte na narrativa do caos. Mesmo porque aqui em Pelotas todo mundo se conhece.

Assim, sobram tiros e trovas para todo lado. Trata-se de um espelho canhestro da enciclopédia chinesa borgiana, um empório celestial dos traquejos urbanos e das inflexões éticas (o que dá no mesmo que a profunda falta de carisma que nos assola) sorrateiramente escrito ao que cada mensagem, além de subtrair a presunção de um solo comum para os elementos descritos, automaticamente (ou anonimamente) imprime a abordagem de assalto desde os servidores digitais. A sutileza foi erradicada e substituída pelo encantamento do petardo. Se antes a ordem era “dar no meio” e ser direto, a passagem do anônimo ao visível dá pistas sobre o que acontece nessa execução: a gente se desfaz com violência.

Claro que, no que o anônimo parece ser também o comum em certa escala, esse anonimato é sim perigoso. Spot, antes de mais nada, é pontuar (tanto transformar em ponto quanto fazer pontos em), portanto uma atividade radicalmente cerceadora. Na falta ou na impossibilidade da habilidade de trazer à luz, as mutilações mais monstruosas são possíveis; assusta, no entanto, que se traga à luz desde essa invisibilidade redobrada. De certo modo, a narrativa anônima é uma narrativa que pretende narrar com o peso do mundo.

Desse modo, trata-se, creio eu, menos da falta do corpo nas interações em rede do que da narrativa monstruosa desse corpo a partir da linguagem comum da internet: a zoeira. Contudo, como sempre previsto, também as comunidades Spotted se encaminham ao fim. De todo modo, nada escapa ao tédio ou ao senegrante a longo prazo. As comunidades, porém, lembram-nos a pedra já cantada pelo cartunista Bruno Maron: ninguém é insacaneável. A zoeira, ela nunca para.





## Chowchilla Perdoe-me, folha seca (2013)

RAFAEL PEDUZZI

Já ter ouvido uma ou duas músicas da Chowchilla, em seu Soundcloud, não ofuscou o fato de eu nunca ter presenciado um show dos guris e, portanto, poder ter sido agraciado com uma bela surpresa ao ouvir seu primeiro EP.

Chamo-os de guris, pois Bruno Chaves (voz/guitarra), Matheus Bastos (guitarra/backing vocals), Fabrício Gonçalves (baixo) e Gabriel Soares (bateria/backing vocals), além de terem formado a banda recentemente (meados de 2012), também são, a maioria, muito novos, sobreviventes do ano de 1994 – e a existência desse pessoal mais jovem que eu fervendo o frio rock pelotense ainda me é novidade.

Lançado no dia 27 de março na internet, e com show de lançamento marcado para a terça (30/04), na Cervejaria Santa Martha, o EP “Perdoe-me, folha seca” possui 4 faixas. Sua versão para download – grátis, em [www.chowchilla.com.br](http://www.chowchilla.com.br) – inclui capa/contracapa, com artes feitas pelo guitarrista e vocalista Bruno Chaves, e 4 fotografias da banda, de autoria de Patrícia Lindoso. Encontramos também as letras das músicas, sua ficha técnica, agradecimentos e um texto de apresentação da obra.

O Extended Play desenrola suas canções em torno do tema jovem mais batido possível, e por isso mesmo sempre em voga: idas e vindas amorosas. Arranjos instrumentais bem trabalhados, na clássica formação de quarteto, se contrapõem a letras simples e

extremamente diretas, que não escapam de referir-se sempre a um “tu”, presente como um parceiro – às vezes incompreendido e em outros momentos escancarado – de relacionamentos – ora vindouros, ora acabados ou em deterioração.

Essa combinação de elementos nas canções, somada às influências de rock and roll (Cachorro Grande), de parcelas do dito indie contemporâneo (citaria aqui Strokes) e dos inescapáveis Los Hermanos, me fez catalogar mentalmente (e superficialmente) o quarteto como um Moptop mais jovem, talvez mais adolescente.

Comparações à parte, de cara a banda mostra a que veio. Na primeira faixa, “Olhe Novamente”, vemos as linhas de baixo conduzindo um início que denota o rock que há por vir. Com guitarras cumprindo a função de base (mais nessa do que nas outras músicas) e a letra contando sobre um “ele” para “ti”, percorre-se uma estrutura pop convencional até culminar no prazer de um solo curto, em uma parte mais jazzística, com pausas da banda conduzidas por uma suingada bateria. Da tensão, se sobressai o final, clamando o refrão “Fuja de mim / enquanto puder”.

A segunda música, “Lamento”, me pareceu a de letra mais trabalhada. A canção traz à tona aquele drama evocado pelo título do EP – uma referência às músicas terem sido todas compostas e lançadas nos outonos de 2012 e 2013, respectivamente.

A sétima aumentada dos acordes nos insere desde o início em sua atmosfera mais suave, nostálgica e melancólica – o que, no rock, habitualmente lembra um pouco os já citados Hermanos.

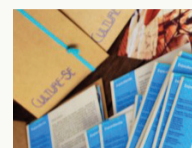
“Quando Eu Partir”, a terceira faixa, se constituiu rapidamente como a minha preferida. Mesmo com uma letra menos inspirada, visualizo nela o arranjo mais interessante das quatro e uma atuação empolgante da bateria.

A última canção, “Não Vai Adiantar”, é a que mais me lembrou Moptop e Vivendo do Ócio. Penso ter sido compensado seu pouco conteúdo, enfatizado pela repetição das mesmas ideias, por um solo de guitarra que chega a durar 1 minuto, me evocando lembranças dos velhos solos de David Gilmour no Pink Floyd.

Termino a audição com a sensação boa de que Pelotas está bem representada no rock ou, talvez mais precisamente, no indie rock. No início desse ano, a Chowchilla foi a Jaguarão e Butiá mostrar no Grito Rock o que me parece ser mais uma nova faceta dessa geração rockeira da nossa cidade, que se volta ao indie. Coloco nessa leva de bandas autorais desde a antiga e finada The Raves, que talvez tenha começado isso por aqui, as já antigas Mascates (não mais em atividade) e Vade Retrô, chegando até as mais novas, Convés Imaginário e Esquimós. Gostem ou não, essa geração tem provado que pode render bons frutos. E espero que continue rendendo.

# ecult.COM.BR

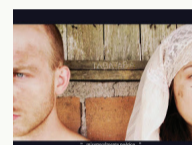
### Rolou no site esse mês



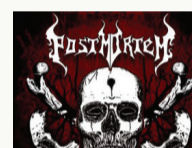
Revista Culture-se destaca artistas locais



O Som ao Redor será exibido em Pelotas



Tabataba escancara a fragilidade humana



Postmortem divulga imagens do clipe “Possession Of Spirit And Flesh”

## Arteiros Espaço Artístico e Pedagógico



Conheça o novo espaço artístico pedagógico da Rass Escola de Música, que amplia e inova suas atividades.

A **Arteiros** é um espaço organizado para aprender, construir, criar, brincar e ser feliz!

Oferecemos as seguintes atividades:

- Turno inverso escolar
- Teatro
- Musicalização infantil
- Artes plásticas
- Expressão corporal
- Educação ambiental
- Atividades lúdicas
- Colônia de férias
- Apoio e reforço escolar



**MATRÍCULAS ABERTAS**  
Rua Anchieta, nº 3088  
Fone: 3272.1390

**Chefs Internacionais**

MOSA

Gastronomia

Confira nossa programação e as sugestões do Chef na Fan Page  
**Mosarestaurante**

**TeleEntrega pelo fone**  
**(53) 3307-2670**

**Rua Dom Pedro II, 520 - Centro**  
**(Próximo a Ucpel e Uspel)**

O melhor da gastronomia internacional com o toque do Chef Inglês James Howes

Aberto de Terça à Sexta, das 12h às 14h e de Quinta à Sábado, das 19h às 23h